

Crise não dá votos à esquerda. Ou dará?

Sondagens na Grécia mostram que a subida eleitoral da esquerda em tempo de crise não é uma impossibilidade. Acontecerá o mesmo em Portugal?

A contestação social está em crescendo na Europa e já anuncia terremotos eleitorais

FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA



VALDEMAR CRUZ

As dificuldades de crescimento eleitoral da esquerda em ambiente de crise social pareciam um adquirido histórico. Num tempo de pulverização de direitos adquiridos, também aqui pode estar em curso uma mudança inesperada. As últimas sondagens efetuadas na Grécia, a dois meses de eleições legislativas, apontam para profundas alterações no mapa eleitoral, com uma queda abrupta do PASOK e uma muito significativa subida das intenções de voto no Partido Comunista e em outros partidos da esquerda radical. Com Portugal num crescendo de contestação social, e com uma extrema-direita sem expressão organizada, surge, inevitável, a pergunta sobre o modo como também por cá os partidos à esquerda do PS conseguirão transformar em votos as manifestações de descontentamento popular. Os responsáveis partidários estão atentos às dificuldades contidas neste novo desafio e Francisco Louçã, coordenador do Bloco de Esquerda, admite que "a desagregação dos partidos da *troika*, que ocorre na Grécia, pode estender-se a Portugal. Há momentos em que a austeridade perde a máscara: mais de um milhão de desempregados para, no fim, aumentar a dívida e cair na 'espiral da morte', como lhe chama Krugman, não pode deixar de criar oposição e revolta". Nestas alturas as alternativas "são chamadas à responsabilidade e uma economia decente só se fará recusando os planos da *troika*". Essa "será a hora da responsabilidade da esquerda".

Jerónimo de Sousa, secretário-geral do PCP, sente que a tradução em votos do descontentamento social não é separável "do condicionamento económico e dominação ideológica presentes na vida política nacional e particularmente sentidos em períodos eleitorais". Talvez por isso, Manuel Loff, historiador, investigador de estudos políticos da Universidade do Porto, autor do livro "O Nosso Século É Fascista", refere que "o voto de protesto ou regressará à esquerda, ou surgirá da pior maneira de todas, através da abstenção e hostilização dos partidos".

Discurso antipartidos

É a percepção desse perigo que leva Miguel Cardina, historia-

dor, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, autor do livro "O Maoísmo em Portugal: 1964-1974", a admitir o crescimento da abstenção como uma hipótese possível, bem como a subida eleitoral dos partidos de esquerda. Outra é a emergência de um discurso 'antipolíticos'. Ao fazer a ponte para a realidade portuguesa, Cardina, tal como Loff, divisa ainda problemas que podem afetar o PS, "entalado entre o comprometimento com o programa da *troika* e a percepção de que irá criar uma fratura entre o parti-

DISSERAM

"Eventuais rearrumações de forças serão inseparáveis das contradições geradas pela luta social"

JERÓNIMO DE SOUSA
Secretário-geral do PCP

"O país está a mudar e haverá fortíssimos impactos eleitorais deste colapso da governação pela direita unida"

FRANCISCO LOUÇÃ Coordenador do BE

"Quando partidos de centro-esquerda governam com estas políticas, a sua degradação eleitoral é tremenda"

MANUEL LOFF Historiador

"A manifestação é um sinal de que a sociedade não está apática"

MIGUEL CARDINA Historiador

"A correlação entre descontentamento e voto poderá estar a entrar em crise"

JOSÉ NEVES Historiador

do e a sua base social de apoio".

José Neves, professor de história contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, autor do livro "Comunismo e Nacionalismo em Portugal", sustenta que "muitas das lutas sociais a que assistimos são uma forma de expressão política que não se compagina com a lógica política institucional" e "podem não se traduzir em alterações no mapa eleitoral".

Radicalização das lutas

No ar está sempre, também, o espectro da radicalização de lutas a partir de grupos não organizados, desesperados e bloqueados nas suas perspetivas de vida. É o caldo de cultura propício ao aparecimento de movimentos xenófobos e fascistas. Na opinião de Loff, "o fascismo nunca reaparecerá com a mesma estética e símbolos, mas temos de ter consciência da fascização de certos movimentos e partidos europeus". José Neves classifica de equivocada a ideia de que quem se revolta "está num estado de desespero" e Jerónimo de Sousa entende que as situações de imposição estrangeira, acompanhadas da "inevitável degradação das condições de vida, são suscetíveis de dar espaço a fenómenos de revolta e desorientação favoráveis ao desenvolvimento de fenómenos populistas e seu aproveitamento por forças extremistas e fascizantes". Louçã está convencido de que haverá "mais desespero, mais revolta e mais vontade de mudança", mas considera fundamental que "a democracia seja o espaço de afirmação dessas opiniões e dessas lutas". A radicalização pode assumir expressões diversas, mas Jerónimo de Sousa defende que o que se apresentará como decisivo e determinante "é a luta organizada e em particular a luta dos trabalhadores nas empresas e na rua".

Na opinião de Miguel Cardina, os países não podem ser comparados com a lógica do papel químico. Porém, diz, se o PS, tal como o PASOK, entrasse num governo de chamada unidade nacional, "deixaria um espaço vazio à sua esquerda", o que, associado a um agravamento das condições sociais, favoreceria o crescimento do "campo da esquerda contrária às soluções da *troika*".

vcruz@expresso.imprensa.pt